

Permacultura

A renovação da relação homem e natureza



Silvia Revorêdo Pugsley

Centro Universitário Positivo - Unicenp

Textos: Silvia Revorêdo Pugsley

Orientadora: Ana Paula de Mira

Diagramação: Márcio Mainardes

Revorêdo Pugsley, Silvia

Permacultura: a renovação da relação homem e natureza /
Silvia Revorêdo Pugsley. – Curitiba: 2007.

72 p. 21cm

1. Jornalismo. 2. Meio Ambiente. 3. Permacultura

“Creio que há uma coerência que
passa por todas as minhas incoerências
assim como há na natureza uma unidade
que permeia as aparentes diversidades”.

(Mahatma Gandhi, no livro A única
revolução possível é dentro de nós)

Sumário

Introdução	9
Capítulo 1 – O que é permacultura?	11
Capítulo 2 - Sítio Yvy Porã	19
Capítulo 3 - Sítio Curupira	31
Capítulo 4 - Sítio Raíces	45
Capítulo 5 - David Holmgren: a mudança exterior começa internamente	59

Introdução

Na natureza, todos os sistemas são integrados, funcionando de maneira harmônica em cadeias. Com o tempo, o homem, que retirava do ecossistema apenas o necessário para a sobrevivência, percebeu que podia retirar mais e mais. O grande problema é quando o ser humano começa a pensar que a natureza está à sua disposição e não o contrário. A interferência negativa nesses sistemas gerou degradação.

Atualmente, a resposta da natureza é visível em suas mais variadas formas. Se as pessoas não passarem a agir de maneira ecologicamente correta, os recursos naturais vão se esgotar. No entanto, nem todos estão de braços cruzados esperando isso acontecer. Preocupado com esse problema, um grupo de pessoas passou a buscar soluções que pudessem ser aplicadas no cotidiano e descobriram a permacultura.

Todos os entrevistados já aplicavam intuitivamente diversos conceitos desta técnica. Alguns exemplos deste agir intuitivo são: quando você vai fazer uma horta e pensa no melhor jeito de fazê-la, o reaproveitamento de materiais que estão em seu terreno, quando você come uma fruta que está no quintal ou, antes de tomar uma atitude, pensa em como ela pode afetar o ecossistema. A permacultura era o elo entre todas as práticas que eles já exercitavam e, agora, tinham nomes. A busca é sempre pela melhor maneira para realizar aquilo que se pretende. A idéia central da permacultura é recriar os sistemas naturais, refazendo suas conexões, inclusive na relação do homem com a natureza.

Na internet está muito difundido o entendimento de comunidades auto-sustentáveis, o que pode levar a uma idéia errada sobre o tema. Primeiramente, a permacultura não precisa ser praticada em comunidades. A proposta se deve à divisão de tarefas, numa relação de ajuda mútua, algo que a permacultura também aborda. No entanto, os conceitos podem ser aplicados por qualquer pessoa. Neste livro, por exemplo, ela está sendo aplicada por cada casal numa estação de permacultura familiar, exceto o caso do Sítio Yvy Porã, que tem o intuito de se tornar uma ecovila.

Permacultura

A renovação da relação homem e natureza

Em segundo lugar, o termo leva a imaginar uma pequena sociedade, isolada do resto do mundo. Como uma ilha, que busca a total sustentabilidade e na qual não existe comunicação com o mundo exterior. Não é o objetivo da permacultura. Nada é radical, tudo depende de escolhas pessoais, levando em consideração, em primeiro lugar, como isso afeta a natureza, e, depois, o que é mais prático e viável.

Esse livro revela o olhar de quem – quando ainda estudante de jornalismo – observou a permacultura por meio de três casais que decidiram mudar para viver em harmonia com o meio ambiente. No entanto, não é preciso mudar radicalmente o modo de vida para aplicar esses conceitos, até porque, a permacultura aponta que cada um deve fazer o que puder em favor da natureza. Se você, leitor, está intrigado e quer saber o que é permacultura, espero que encontre aqui informações úteis sobre um novo modo de viver.

Permacultura

A renovação da relação homem e natureza

Capítulo 1

O que é permacultura

Silvia Revorêdo Pugsley



*Holmgren e Suzana
experimentam pitangas
no jardim do Cacupé*

A tarde está ensolarada no Cacupé. O pequeno bairro de Florianópolis é calmo e arborizado. Um muro de pedras leva à casa de Suzana Maringoni, 45 anos, uma professora de Matemática de sexta série. “Você pode ver que deixamos um pouco de mato, nós aparamos o mínimo possível”. Ela explica que ela e o marido, o biólogo e ecologista argentino Jorge Timmermann, 60 anos, deixam o jardim o mais próximo possível da natureza: a abundância de vegetação é visível.

Este é um princípio importante da permacultura: a recriação de ambientes naturais, como as florestas, por exemplo. A permacultura é um conjunto de técnicas desenvolvidas na década de 1970. A invenção é do australiano David Holmgren, em parceria com seu antigo mentor, Bill Mollison. Ele esteve em Florianópolis realizando um curso para permacultores experientes e, nesse período, ficou hospedado na casa de Jorge e Suzana.



*A permacultora Simone Dalcin:
o Sítio Curupira é prova da
abundância conferida pela
natureza.*



A natureza oferece um sistema perfeitamente equilibrado

Durante a estada, explicou que o nome surgiu inicialmente da união de “permanente” e “agricultura”, pelo fato de designar, como as palavras já dizem, a busca por uma agricultura permanente. Ele e Mollison queriam realizar algum tipo de cultura que ligasse conceitos de agricultura, arquitetura/urbanismo e ecologia, aliados à preocupação com a preservação do meio ambiente. Como não existia nada parecido, decidiram reunir os manuscritos que já possuíam para formar um livro em conjunto, registrando os conceitos já adquiridos e aquilo que imaginavam alcançar.

Mais tarde, a permacultura evoluiu para uma cultura geral, incluindo também a importância do cuidado com as pessoas e os animais, além do cuidado com a terra. Ela fornece diversas técnicas de produção para casas, jardins, sítios, fazendas ou até mesmo a sacada de um apartamento. O grande diferencial é o design, que consiste na observação, no pensar e desenhar ambientes sustentáveis antes de colocá-los em prática.

Conceitos

Qualquer pessoa pode utilizar conceitos permaculturais e em qualquer ambiente, de qualquer tamanho. Existem métodos que ensinam a melhor maneira de se fazer uma horta num espaço mínimo e outros que demonstram como um sítio, mesmo pequeno, pode gerar uma riqueza abundante de vegetação e alimentos.

Tudo é baseado na observação da natureza. O modelo do meio ambiente garante que os sistemas podem sobreviver sem a utilização de produtos químicos para a sua conservação, que não são considerados saudáveis ao consumo do ser humano. Um sistema natural significa menor gasto e trabalho, e, por outro lado, estabilidade e uma produção diversificada e abundante. A agricultura praticada hoje retira umidade e fertilidade do solo, para depois ter que repor esses elementos artificialmente.

Consumir o que a natureza oferece localmente é um princípio bem importante para a permacultura. Para Suzana, seguir esse princípio valoriza o que a terra fornece naquele determinado ambiente e, conseqüentemente, a saúde. “A que estamos nos submetendo quando comemos uma carne que vem de longe? Que produtos foram usados para conservar essa carne? Que tipo de agrotóxico foi usado para cultivar uma fruta?” Comendo aquilo que se planta, é possível saber a qualidade do alimento consumido, além de ser mais viável economicamente.

O objetivo da permacultura é criar um sistema de produção que fuja dos padrões encontrados de um modo geral na sociedade pós-moderna, retirando da terra o que é necessário para a sobrevivência, mas devolvendo para a natureza a energia retirada, sem agredir, poluir ou desperdiçar matéria-prima natural. Para isso, a permacultura uniu conhecimentos antigos da humanidade e descobertas da ciência atual. O consumo de bens materiais é restrito, e o excedente geralmente é permutado para facilitar o acesso de todos aos recursos necessários para a sobrevivência, preservando-os para as gerações futuras.

A permacultura sugere que seja consumido aquilo que é realmente necessário. Por isso, para praticar a permacultura é importante repensar hábitos diários e valores. Suzana exemplifica: “Eu preciso de um computador para fazer contatos e obter informações quando tenho alguma dúvida. Então eu compro, cuido para que ele dure o máximo possível e cumpra com sua função estritamente material”. Isso vale para qualquer bem, como um telefone celular, um carro ou uma roupa.



As zonas permaculturais

Para facilitar a organização consciente, o terreno pode ser planejado em zonas, de acordo com a necessidade de cuidado que elas demandam. A divisão varia conforme o terreno e as atividades que o morador pretende realizar. As zonas propostas pela permacultura são:

Zona 0 – A casa. Ela é o centro do sistema e deve ser planejada para utilizar os espaços de maneira eficiente. É importante usar recursos para o controle da temperatura. Climas frios pedem fogão a lenha e lareira, assim como paredes e janelas mais grossas ou até mesmo duplas.

Zona 1 – É a região mais próxima da casa. Nela, ficam os elementos que precisam de cuidado e utilização diários, como a horta, as ervas e temperos usados na cozinha, alguns animais e algumas árvores frutíferas usadas na alimentação com maior frequência. Nessa zona também podem ser incluídos compostos para produção de adubo, minhocário, um viveiro de mudas e outras coisas importantes que variam para cada permacultor.

Zona 2 – É um pouco mais distante da casa e possui elementos de manejo freqüente, mas não com a mesma intensidade da zona 1. Pode conter galinheiros, animais de pequeno porte, muitas vezes algum açude para criação de peixes e outros animais aquáticos, árvores frutíferas e outras naturais da região.

Zona 3 – Mais distante da casa, possui florestas, animais de médio ou grande porte, produção de frutos ou sementes e castanhas, por exemplo. Precisa de visitas periódicas.

Zona 4 – Inclui agroflorestas e açudes maiores, por exemplo. Essa área é bem pouco visitada.

O açude permite a criação de peixes e possui um ecossistema particular



Zona 5 – É a região de observação da natureza. Não há interferência, pois essa parte do terreno deve existir para que a natureza se desenvolva naturalmente. Essa zona é a referência dos processos empreendidos nas outras.

A Permear

Após a iniciativa de Holmgren e Mollison, os conceitos passaram a ser difundidos principalmente por meio de palestras e cursos, conquistando interessados. Por todo o mundo, passou a ser realizado o curso de design permacultural, o chamado PDC. Para ser considerado realmente um permacultor se tornou necessário seguir o currículo estipulado pelos criadores. Como as técnicas da permacultura são verificadas por testes e verificação, a troca de experiências é muito importante. Esse é o objetivo da Rede Permear, criada por Jorge, permacultor experiente e responsável pela formação de todos na Rede. Participam da Rede outras 42 pessoas, que representam 15 sítios praticantes de permacultura. A Permear, fundada no ano de 1994, além de facilitar contatos, realiza encontros regionais para que se pense coletivamente em soluções.

A Rede integra pessoas de todo o Brasil, muitas do Estado de Santa Catarina. Na região catarinense, o trabalho está muito bem representado por casais como Jorge e Suzana, Gardel e Simone, Pedro Marcos e Elusa, cada um com uma história de vida bem diferente, mas com um ponto importante em comum: a permacultura.

Permacultura

A renovação da relação homem e natureza

Capítulo 2 Sítio Yvy Porã

Silvia Revorêdo Pugsley



Sítio Yvy Porã

*O casal segura o
projeto da casa no Sítio*

Rotina, trabalho, trânsito e poluição sonora. Durante a semana, Jorge Timmermann e Suzana Maringoni não passam muito tempo em casa. Nos finais de semana, o casal geralmente faz um retiro no Sítio Yvy Porã e o único barulho que escutam vem da natureza. O Sítio fica no município de São Pedro de Alcântara, a mais ou menos 40 minutos de Florianópolis. Partindo do centro, o acesso à entrada do Sítio possui alguns trechos bem esburacados de estrada de terra. No caminho, só se vêem fazendas, todas praticantes da agricultura tradicional, pecuária e da venda de madeira. Suzana conta que um dos vizinhos já levou multa por praticar a atividade ilegalmente.

Chegando ao Sítio, a maioria do terreno tem grama alta, servindo de moradia para uma infinidade de aranhas que aparecem a todo o momento à medida que se caminha. Enquanto a casa que o casal está construindo não está pronta, eles ficam hospedados numa casa de 1929. A casa não possui luz, nem banheiro; é, portanto, bem rústica. Nas noites ainda se pode contar com visitas: uma coruja que anda pelo teto e um lagarto que passeia embaixo no piso de madeira.

Além dos visitantes do reino animal, o Yvy Porã não é só de Suzana e Jorge. O terreno é dividido com outros três casais. No Brasil, ainda são raras as ecovilas com trabalho voltado para permacultura. Quando todas as casas estiverem construídas, o Sítio talvez se torne a primeira, pelo fato de ser uma vila, com vários moradores que não constituem família, em um ambiente preocupado com a preservação ambiental.

Construindo com as mãos

Com 82 hectares, a maior parte do terreno é constituída por florestas. Suzana é a primeira a construir a casa, juntamente com o marido. “Cada um tem seu tempo para construir e nós não temos pressa”. A mão-de-obra para a construção é quase inteiramente dos dois, mas eles também contam com a ajuda dos amigos e mutirões que acabam ajudando a acelerar o processo, além de tornar o trabalho mais divertido.

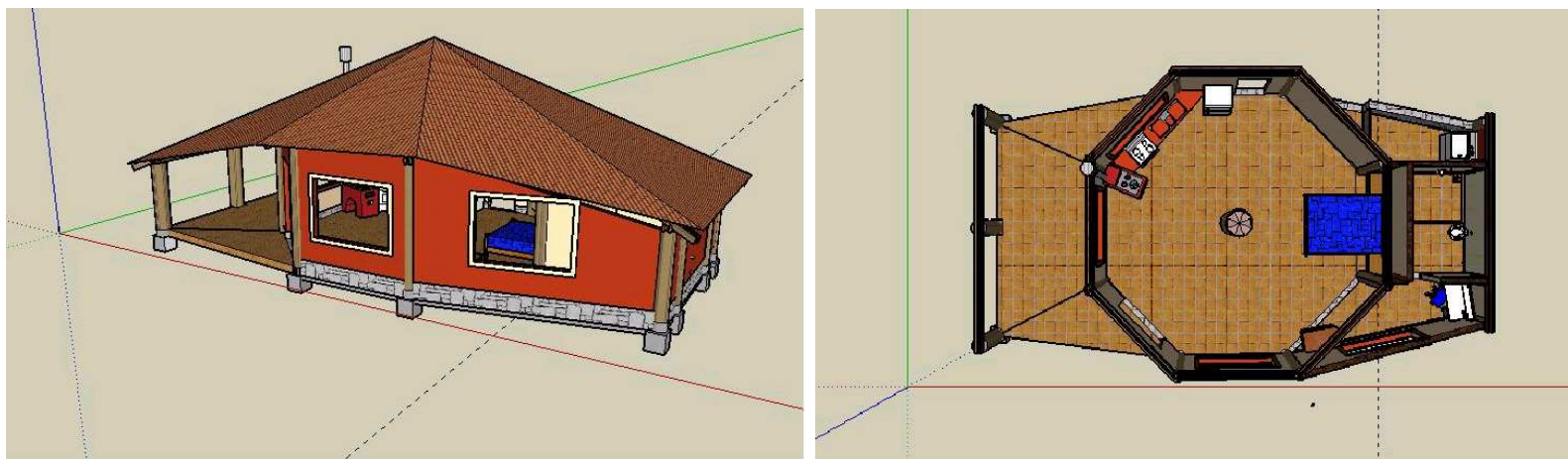


A parede de taipa requer diversos testes para encontrar a melhor composição

A casa que estão levantando possui paredes de taipa socada. O material usado é a terra do próprio sítio, composta por 70% de argila. Para a parede, a composição ideal é de 30 a 40% de argila e o resto de areia. Então é preciso balancear, colocando mais areia na mistura do solo local. Antes de tudo, a terra é peneirada para não haver nenhuma pedrinha no material, o que poderia estragar a construção. A fundação foi feita com pedras. Para subir as paredes, é usado um molde, dentro do qual a terra é socada com um pilão de madeira.

Enquanto o teto não é construído, a parede fica coberta por uma lona que a protege do clima. O sol também pode provocar algumas rachaduras, tampadas com um reboco que deixa a parede lisa. Ele pode ser feito com cimento, de modo mais convencional, ou por meios alternativos. Nesse

caso, foi feito com uma mistura de terra, cal e esterco de vaca. O esterco libera ácidos que fazem a função do cimento, deixando firme a mistura. A parede pode ser pintada com tinta orgânica preparada de diversas maneiras. Uma idéia é a mistura de baba de cacto, terra e água, numa proporção de um para 15 de cada elemento.



O desenho da casa idealizada pelo casal, vista por fora e por dentro

O casal está envolvido em tudo que diz respeito à construção da casa. O projeto foi idealizado por eles e tem uma estrutura incomum. A casa é circular, com um tronco enorme de eucalipto ao centro e outros no contorno. Um arame farpado segura os pilares e a terra no lugar. Jorge calcula que até agora, os gastos com materiais como pedras e cimento para a casa não passam de 500 reais.

Os projetos na permacultura possuem diversas maneiras, utilidades e conexões na maneira de serem realizados. Quando o material utilizado for a terra, é necessário construir na medida em que se realizam testes. Eles servem para analisar como o material reage na região em que se está trabalhando, de acordo com o clima ou outros elementos externos. Verificando-se as respostas, altera-se a quantidade de argila, a dosagem de areia ou, às vezes, mistura-se um pouco de cal. Suzana explica que numa parede como a da casa que está construindo, foram feitos cinco testes com

diferentes dosagens do mesmo material. “Quando você utiliza meios naturais, como na bioconstrução, eles não vêm prontos como numa loja”.

Futuros projetos

Nesse tipo de construção, é preciso ser paciente. Por isso, a casa não tem data para ficar pronta, mas o casal não vê a hora de mudar de vez para o Yvy Porã. Jorge pretende continuar dando palestras e cursos de permacultura. Suzana, com o tempo, deve parar o trabalho com a escola para se dedicar totalmente à permacultura e educação ambiental. O casal já planeja diversos projetos para quando a casa ficar pronta.

O aquecimento de água será feito com energia solar, utilizando garrafas Pet. Suzana incluiu no projeto a construção de um banheiro seco. O sistema funciona com uma descarga de serragem. Embaixo da patente, fica uma caixa e, depois de mais ou menos seis meses, ela é retirada, colocada ao sol para compostar por mais dois meses e depois o material é utilizado como adubo. “Uma dúvida comum é sobre o cheiro. Nós já usamos, o banheiro fica com cheiro de madeira, devido à serragem”.

Outro elemento muito comum na permacultura

O banheiro, na estrutura de cimento acima, será como o do Sítio Raízes, que também foi construído por Jorge e Suzana. Abaixo, a câmara de compostagem



que consta no projeto da casa é o tratamento do que Suzana chama de água cinza, aquela que sai da pia e do chuveiro. Para reaproveitá-la, uma mangueira sai do local e leva a água até um buraco de mais ou menos um metro cúbico. Ao redor, são plantadas bananeiras: é o que os permacultores chamam de círculo de bananeiras. Se for água demais para apenas uma vala, abre-se outra e assim por diante. Assim, a água que seria desperdiçada é utilizada pelas plantas.

Plantando na palha

Ao redor da casa, ainda não existe muita coisa feita na zona 1, pelo fato de o casal ainda não morar definitivamente no local. Devido a isso, ainda não é possível realizar tarefas diárias, mas já foram plantadas mudas de frutíferas que irão formar o pomar. No entanto, na casa antiga já foi possível construir uma espiral de ervas e temperos.

*Modelo de espiral de ervas e temperos
construído no Sítio Curupira*

Silvia Revorêdo Pugsley



Na permacultura as coisas são feitas de uma certa maneira para se pensar nas diversas relações e funções que podem ser estabelecidas. Com a espiral também criam-se micro-climas pela relação do sol, como sombra no sul, sol forte no norte, sol no leste pela manhã e no oeste à tarde, e assim por diante. Desse modo, é possível adaptar cada planta ao local onde ela se desenvolve melhor. O mesmo acontece com a água. Na parte de baixo, estão plantas que precisam de mais umidade.

No local onde a casa nova está sendo construída, já existem diversas árvores sortidas, porque mantêm uma relação de ajuda mútua, como as leguminosas com as frutíferas. As pequenas árvores estão sempre acompanhadas de uma maior, de acordo com a necessidade de sol ou sombra. Em-



A palha permite que a planta cresça sem irrigação ou agrotóxicos

baixo, na zona dois, já é possível ver uma variedade maior de árvores e frutas: mamão, pêsego, uvas, amoras, entre outras. Entre os planos, pretendem também trazer abelhas para o Yvy Porã, para que elas produzam mel e polinizem as árvores frutíferas.

Um conceito importante e comum para a permacultura é plantar na palha. Ela permite que a planta fique protegida do sol, mantendo a umidade natural do solo e protegendo do impacto do sol e da chuva. Esse conceito se encaixa na busca pela recriação de ambientes da natureza. “Se você andar nesse pomar, pode ver como a grama é fofa, assim como quando você pisa no solo de uma floresta”, conta Suzana, enquanto caminha apertando os pés contra o chão.

Ela lembra que, quando começaram a trabalhar no Sítio, eram conhecidos como os “loucos que plantavam na palha” pelos habitantes do município. São Pedro é uma região basicamente rural, onde se pratica agricultura tradicional e criação de gado. Os vizinhos diziam que eles estavam estragando o pasto, quando na verdade o objetivo sempre foi recuperar a área, deixando-a como ela é por natureza.

A descoberta da permacultura

A natureza sempre foi objeto de admiração e estudo para Jorge. Na permacultura, ele achou a síntese de todas as coisas em que acreditava. No entanto, o caminho percorrido por ele até chegar ao Yvy Porã foi longo. Jorge veio para o Brasil em 1995. Ele sentia não se encaixar no perfil do argentino, que, para ele, só reclama e não faz nada para mudar. “Parece que o argentino gosta de sofrer. A diferença para mim é que o brasileiro sofre e faz samba, o argentino sofre e faz tango”.

No terceiro dia em Florianópolis, conheceu Suzana, por meio de uma amiga em comum. Ele, que ia continuar viajando, acabou se instalando definitivamente. Foi o segundo casamento de Suzana, que já tinha três filhas, e o terceiro dele, que tem dois filhos em Córdoba.



Jorge (ao centro) no jardim de casa com David Holmgren e Suzana (de costas)

O primeiro ano no Brasil foi de adaptação. Jorge tentou conhecer pessoas e aprender a língua. No segundo, decidiu acompanhar a ONG Centro de Promoção de Agricultura de Grupos (Cepagro), cujo trabalho era semelhante ao que já realizava na Argentina. Começou apenas acompanhando os trabalhos. Mais tarde passou a se envolver com aqueles temas que ninguém queria, mas que interessavam para Jorge. Foi assim que a permacultura caiu em suas mãos: ninguém se interessou pelos panfletos que haviam sido entregues. O Programa Nova Fronteira do Cooperativismo (PNFC), da Organização das Nações Unidas (ONU) estava trazendo a permacultura para o Brasil, com foco na Amazônia. Jorge se identificou de imediato: a permacultura era a ferramenta que faltava em suas mãos, tanto pelas crenças pessoais, quanto pelo trabalho como ecólogo. Então, ele foi para a Amazônia fazer um curso de dez dias. Mais tarde ganhou um diploma de professor de permacultura, assinado por Bill Mollison, e passou a dar cursos no Sul.

Num desses cursos, conheceu Pedro Marcos Ortiz, com quem criou o Instituto de Permacultura Austro Brasileiro (Ipab), em 1998. O propósito era divulgar a permacultura, gerando autonomia aos membros, nunca criando dependência. Por esse propósito, o Ipab acabou perdendo o sentido, pois fez com que os permacultores tivessem contato entre si e não dependessem de um instituto para tal. A partir daí, surgiu a idéia da Permear: uma rede para permacultores conhecidos, facilitando a troca de informações e experiências entre eles.

O modo de pensar da permacultura

A permacultura sugere que cada um faça sua parte, da maneira que puder. Com essa definição, Jorge acredita que a proibição não é o caminho certo para determinar que algo seja ruim. “Para que criar uma mística em torno de algo, proibindo álcool, cigarro ou o consumo de carne? Eu considero essas e outras coisas uma opção pessoal”. Nada é proibido na permacultura, mas há uma ética que norteia tudo, envolvendo o cuidado com o Planeta, com as pessoas e o compartilhamento de excedentes. Dentro disso, existe um conceito de restrição ao consumo. Essa restrição significa comprar o necessário e cuidar desses objetos, para que eles durem mais tempo e cumpram sua função estritamente material.

Além disso, a permacultura incentiva que as pessoas tentem sempre fazer o máximo possível de coisas por conta própria. “A indústria vende a imagem que você não pode fazer sozinho, então precisa comprar. Imagine dois velhinhos como nós construindo uma casa, sem ajuda de pedreiro”.

Sequer é preciso ter muito conhecimento para ser permacultor. O importante é conectar as informações. De qualquer modo, as pessoas que buscam a permacultura acabam tendo modo similar de pensar e viver, pois partem do mesmo princípio e buscam o mesmo ideal. Esse modo de vida deriva do pensamento sistêmico. Ele é móvel, não há linearidade. “É como uma teia. O que existe é complexidade, numa hora você tira e noutra põe”.



Silvia Revorêdo Pugsley

Trabalho em conjunto é mais fácil e agradável



Permacultura

A renovação da relação homem e natureza

Outra questão com a qual procuram não gerar nenhuma mística é a auto-sustentabilidade. Não se deve falar em níveis ou porcentagens, o que representa uma regressão ao pensamento cartesiano. “Você é 100% sustentável. De repente, precisa de um carro. E aí? Você vira 0% sustentável porque não produz nada do carro”. A auto-suficiência depende de quanto se precisa para sobreviver e quanto disso é possível ser produzido.

Jorge explica que o objetivo é a vida simples, produzir o necessário para o consumo e nunca visando o lucro. A permacultura não foi criada para ganhar dinheiro, pelo contrário. “Sou cada vez mais rico porque preciso cada vez menos de coisas materiais”.

Permacultura

A renovação da relação homem e natureza

Capítulo 3 Sítio Curupira

Silvia Revorêdo Pugsley



*Gardel, Simone
e os cachorros*

O município de Santo Amaro da Imperatriz, em Santa Catarina, possui cerca de 18 mil habitantes. O centro da cidade é uma linha reta, com enorme quantidade de comércio para uma cidade de interior. A sete quilômetros do centrinho existe uma outra realidade.

“Em dia de chuva, fica difícil subir até com o jipe, que tem tração nas quatro rodas”. A frase é da permacultora Simone Beatriz Dalcin, 37 anos. Entre curvas e buracos, ela se refere à íngreme subida que dá acesso ao Sítio Curupira. O condomínio onde ele está situado é dividido em cinco sítios, sendo os outros quatro voltados para a agricultura tradicional ou ao lazer. No alto do morro, Simone vive com o marido, Gardel dos Santos Silveira, 38 anos, e os cachorros: a dálmata Poruga, a akita Kika, e a nova aquisição da família, o vira-lata Guri.

Simone nasceu no município de Carlos Barbosa, no interior do Rio Grande do Sul. É formada em Educação Física, faculdade que cursou em São Leopoldo, cidade universitária do Rio Grande do Sul. Lá, conheceu Gardel, que estudava Publicidade e Propaganda. Os dois começaram a namorar e levavam uma vida agitada, segundo Simone, como a da maioria dos jovens. “A gente saía à noite direto, ia a barzinhos até quatro vezes por semana”. Depois de formados, decidiram morar no Nordeste. Durante três meses, pularam de casa em casa, mas acabaram não se adaptando ao clima muito quente.

Mudaram para Florianópolis, onde encontraram uma casa na localidade de Rio Vermelho. O lugar era calmo e não havia muitos vizinhos. Ambos passaram a trabalhar em agências de publicidade. A permacultora conta que o casal chegava a cumprir até três turnos de trabalho por dia. “Além disso, cheguei a ficar três horas em engarrafamento para voltar para casa à noite”. A vizinhança do Rio Vermelho havia mudado em oito anos. Muitos jovens compraram casas nas redondezas, faziam festa e barulho até de madrugada.

O casal estava exausto da rotina e foi à procura de um lugar calmo para morar. Foi quando, após oito anos no Rio Vermelho, surgiu a proposta de um terreno em Santo Amaro, a mais ou menos meia hora de Florianópolis. A casa do Rio Vermelho foi vendida, e os dois ficaram acampados no Sítio durante dois meses, enquanto construíam no terreno.

Pode parecer simples, mas Gardel afirma que, mesmo com a vontade, foi complicado deixar a vida numa cidade grande. “A escolha foi fácil, difícil foi o processo. Qualquer pessoa que decida trocar a cidade pelo campo terá de abrir mão de várias coisas e a adaptação é complicada”. Juntamente com a decisão de mudar o estilo de vida, Simone viu um anúncio no jornal sobre um curso de permacultura. Interessada, enviou um e-mail pedindo o programa: “Pensei que era exatamente o que procurava. Reunia tudo o que eu visualizava para nossa vida no Sítio”.

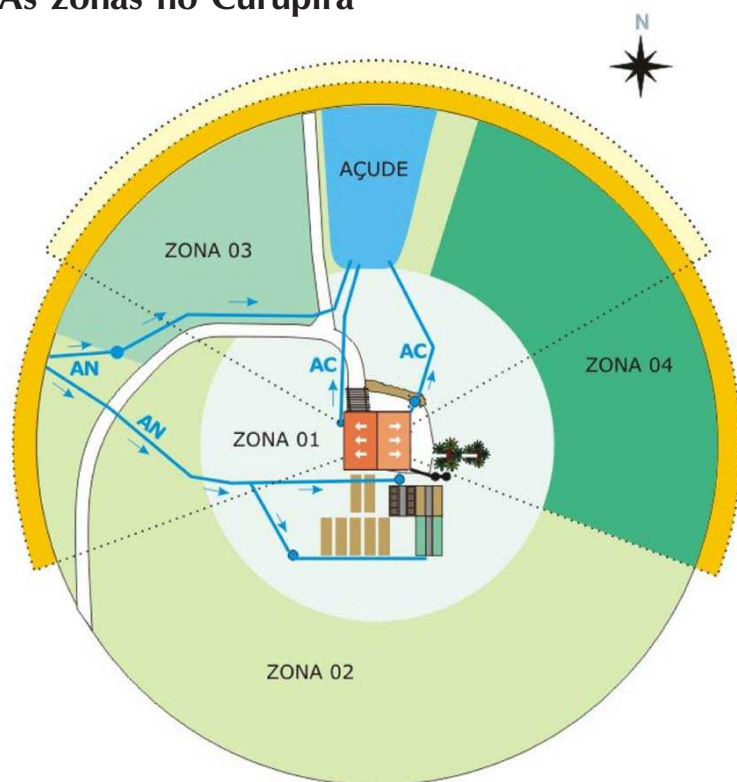


Ela e Gardel fizeram o curso, ministrado por Jorge Timmermann, na época em que estavam de mudança para o Curupira. “A gente já praticava muito da permacultura pela lógica, sem saber que aquilo tinha nome”.

A casa não foi construída com materiais orgânicos, mas é extremamente econômica. “Fizemos a casa com madeira de reflorestamento, por ser mais correta ecologicamente”. Com uma sala e cozinha, um quarto e um banheiro, tudo é compacto. O fato de a casa ser pequena e utilitária também está ligado à escolha da vida simples. O aquecedor de água através de luz solar foi invenção de Gardel, após o término da construção da casa: uma caixa de madeira, com o fundo pintado de preto, para reter a energia do sol, e coberta por um vidro de fogão reciclado. Dentro está uma mangueira, pintada com a mesma cor da caixa, que leva a água até o chuveiro. Por enquanto, serve apenas para os dias de sol, porém, ajuda na economia da água que sai da pia da cozinha. No interior da casa, não há muita aplicação de permacultura, pois o casal começou a colocar em prática as técnicas aprendidas logo após a construção. No entanto, ao redor da casa, a policultura, característica marcante da permacultura, está representada em sua infinidade.

Permacultura

As zonas no Curupira



Sítio Curupira

AN ÁGUA DA NASCENTE

AC ÁGUA DA CHUVA

INSOLAÇÃO DE INVERNO

INSOLAÇÃO VERÃO

ZONA 01

Casa, minhocário, estufa, mudas, viveiro, triturador, composteiras, biodigestor, círculo de bananeira, canteiros de hortaliças, algumas frutíferas e árvores nativas. Captação da água da chuva para irrigação do açude e hortas.

ZONA 02

Açude para criação de peixes e patos.

Agrofloresta 01: manejo de pioneiras para lenha e esteios, plantio de árvores de madeira de lei, frutíferas nativas e exóticas. Galinheiro móvel.

ZONA 03.

Agrofloresta 02: Recuperação de área de pastagem. Construção de curvas de nível, plantio de leguminosas, frutíferas nativas, exóticas e lenhosas. Galinheiro móvel.

ZONA 04

Agrofloresta 03: Pouco manejo. Manutenção de frutíferas antigas. Plantio de árvores nativas, principalmente palmito.

Com o tempo, o Curupira se tornou uma estação de permacultura familiar, atendendo aos objetivos do casal: o convívio com a natureza de forma economicamente viável e sustentável e a produção de alimentos de qualidade para suprir as necessidades, sem explorar ou poluir o meio ambiente. Foram criadas hortas, assim como a espiral de temperos, o círculo de bananeira e algumas árvores frutíferas ao redor da casa, na zona um.

Nela, estão as chamadas câmaras de compostagem, reunindo folhas, terra e outros recursos orgânicos. A matéria orgânica se decompõe naturalmente durante mais ou menos um mês.



*Simone no minhocário,
onde o composto se
transforma em húmus*

Depois, ela é colocada no minhocário, onde as minhocas liberam excrementos, transformando a matéria em húmus. Essa segunda fase da decomposição dura em média três meses e, a partir daí, o húmus serve de adubo para a terra. Sem o trabalho da minhoca, o vegetal não absorve o composto por completo. Esse processo recria o que acontece na natureza: folhas caem das árvores no solo, as minhocas e outros animais se alimentam delas e os dejetos tornam a terra fértil para o crescimento das plantas. Para que não seja necessário esperar a decomposição, que é relativamente demorada, existem no Sítio três câmaras em diferentes estágios. Assim, o adubo nunca está em falta. Seguindo as regras permaculturais, todos esses elementos da zona um necessitam de cuidado diário.

Na zona dois, está o açude, que abriga peixes, patos e marrecos. Os peixes servem para alimentação. Os patos e marrecos oxigenam a água enquanto nadam e batem as asas e suas fezes alimentam peixes e outras espécies aquáticas, como os fitoplânctons. Servem ainda para comer insetos e as ervas daninhas que crescem ao redor do açude.

Como tudo na permacultura, cada elemento possui diversas funções no ciclo natural. Nessa mesma zona, está parte da agrofloresta, contendo árvores frutíferas e outros tipos de árvore. Nessa zona, ficam os galinheiros móveis.



As galinhas são colocadas no local dentro de uma cerca e, no dia seguinte, todo o mato foi limpo

Permacultura

A renovação da relação homem e natureza

Eles são colocados em lugares diferentes a cada dia, e as galinhas fazem a limpeza do mato e ervas daninhas do solo para o plantio. Na permacultura, são chamadas de “tratores de galinha” pelo trabalho que fazem. A zona três do Sítio Curupira é constituída somente por agrofloresta. Essa área era utilizada como pasto para animais antes de Simone e Gardel comprarem o Sítio. O solo estava desgastado e, por isso, agora está sendo recuperado. Nessa parte, é feito o plantio de leguminosas e frutíferas, e a limpeza do solo é feita por galinhas. A quarta e última zona também é de agrofloresta.

O destaque é a plantação de palmito em meio à vegetação. O que chama atenção é um tipo de fungo avermelhado que cresce em várias árvores. Segundo o casal, esse fungo aparece em lugares onde o ar é muito puro.

O fungo vermelho na agrofloresta indica a qualidade do ar



No Curupira, é cultivada uma grande diversidade de alimentos: alface, cenoura, tomate, brócolis, gengibre, ervilha, rúcula, cebola, alho, alcachofra, vagem, feijão guandu, couve, menta, hortelã, alecrim, salsa, orégano, arruda, sálvia, morango, uva, pêssego, banana, goiaba, pitanga, acerola, manga, pêra, maçã, caju, amora vermelha, branca e preta, laranja e limão, de três tipos cada, para citar alguns. Existem ainda raízes, como a batata-doce, o yakon e o aipim.

Outra produção é o cultivo de um cogumelo chamado *Pleurotus ostreatus*, próprio para o consumo humano. Após o cultivo, o cogumelo é levado para uma estufa, onde se desenvolve. Como na permacultura, todos os alimentos cultivados são para o consumo próprio e não para serem comercializados. Quando se produz, não existe dúvida quanto a qualidade do produto. Quando se compra, é impossível saber o caminho que o alimento percorreu. Então, os permacultores procuram consumir o que a terra e o local podem fornecer, em busca de uma alimentação saudável e consciente. Caso haja excedentes, o que sobra pode ser vendido ou, principalmente, trocado por outros produtos.

Durante um período, Gardel e Simone participaram de uma cooperativa de ervas medicinais e aromáticas chamada Bioativas. Para



O cogumelo é cultivado na folha de bananeira ou tronco de árvore

processar seus excedentes de frutas, começaram a produção de geléias e doces cremosos, desenvolvendo inclusive o rótulo dos potes e vendendo diretamente a amigos e conhecidos. O lucro, para Simone, foi o aprendizado com a produção e as possíveis utilizações dos ingredientes. O casal nunca tomou decisões baseadas no maior lucro financeiro possível. O essencial é a qualidade de vida. Além disso, fizeram contatos. “Fazemos as compras numa loja de produtos orgânicos em Florianópolis quando vamos para lá e, às vezes, trocamos algumas coisas que sobram no Sítio”.

A rotina no Curupira

Com quatro anos de existência, no Sítio é produzido a maioria do que se consome. Gardel e Simone compram pouca coisa, como leite, manteiga e queijo. Simone é vegetariana. Gardel come carne, mas não em excesso. O casal faz alguns trabalhos como *free-lancer* para agências de publi-



Permacultura

A renovação da relação homem e natureza

cidade. As finanças do casal vêm principalmente de um dinheiro que guardaram durante o período de jornada tripla de trabalho. Gardel explica: “Enquanto a maioria dos nossos colegas gastava tudo o que ganhava, para ter um bom carro e jantar fora todo dia, vivendo endividados, nós guardamos”. A idéia sempre foi trabalhar bastante, juntando dinheiro, para descansar. E é o que o casal faz atualmente no Curupira.

A rotina diária é mais ou menos acordar em torno das 6h30min, fazer e tomar chimarrão, dar comida aos cães, tomar café e manter as tarefas do sítio até a hora do almoço. “No começo, o trabalho era bem braçal e pesado. Agora só temos que manter aquilo que já fizemos”.

O trabalho diário consiste basicamente em cultivar a horta, mover os galinheiros e cuidar da produção de húmus. A horta utiliza um sistema de irrigação feito pelo casal. A mangueira possui pequenos furos, nos quais são colocadas hastes de cotonetes que direcionam a água para os alimentos.

A irrigação com mangueiras e hastes de cotonetes é mais ecologicamente correta do que o uso de materiais como o PVC



No verão, trabalham bastante cortando a grama. Depois que Simone teve um problema nas costas devido ao trabalho de corte, perceberam que não é bom fazer o mesmo trabalho por muitos dias seguidos. Então, analisam o que precisa ser feito e se organizam para que o trabalho não fique pesado.

Após o almoço, o casal retorna ao trabalho, que varia muito. Quando anoitece, lêem um livro, assistem ao telejornal ou algum filme na televisão. Simone gosta de fazer Sudoku, Gardel gosta dos jogos no computador como passatempo.

No máximo às onze da noite o casal vai dormir, descansando do trabalho de um dia e se preparando para o dia seguinte.

Eles não vão muito à cidade. Sempre esperam até ter várias tarefas, assim, resolvem tudo de uma vez em uma ida ao centro de Santo Amaro, por exemplo. Devido à distância da central telefônica (o Sítio está a 262 metros do nível do mar), não existe a possibilidade de instalação de uma linha telefônica. A comunicação é feita pelo celular, que não é utilizado com muita frequência. Há pouco tempo, o casal conseguiu adquirir internet a rádio, a única possível no local, que ajuda muito na comunicação com outros permacultores. A internet permite o contato com amigos, familiares, estudantes ou qualquer interessado nas atividades do Sítio.

Os jogos não são o único passatempo do casal. Gardel é fascinado por cobras, lagartos e insetos. Geralmente aparecem espécies inofensivas na horta, mas é comum aparecerem espécies como a jararaca e a cobra coral, que são venenosas.

A permacultor sabe como segurá-las e afirma que as pessoas têm uma imagem errada desses animais. “Os fil-

Gardel segurando uma caninana, espécie inofensiva



Permacultura

A renovação da relação homem e natureza

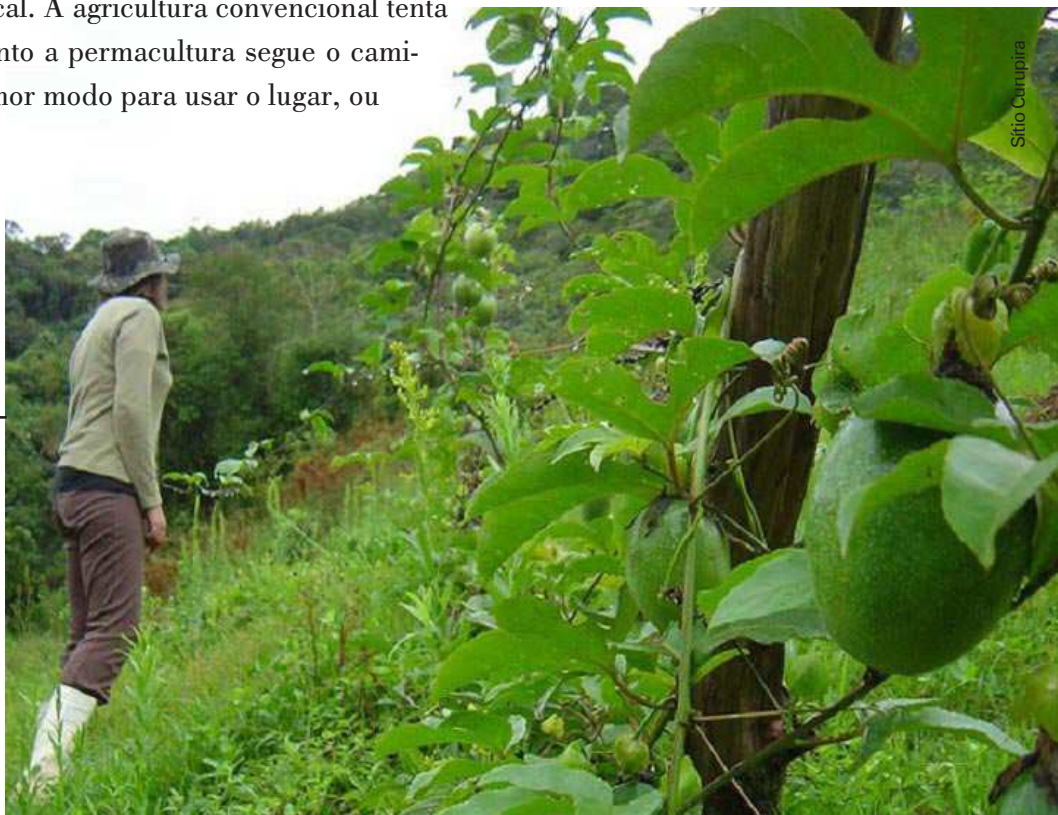
mes de Hollywood, principalmente, criaram uma imagem de que a cobra é um bicho agressivo, mas, se ela não se sentir ameaçada, ela não ataca”. O único problema que já aconteceu foi com uma jararacuçu que mordeu a cadela Kika. Gardel pegou a cobra para identificação, foi aplicado o soro antiofídico e em uma semana Kika estava curada.

O casal costuma fotografar os animais que aparecem, para depois buscar a identificação nos livros. Entre as constantes visitas do Curupira, estão o lagarto Teiú e outros de pequeno porte, tatus, vários tipos de cobras, desde a inofensiva cobra de vidro até a jararaca. Eles ressaltam a importância dos animais no meio natural. As cobras ajudam no controle de ratos, por exemplo. Cada animal possui diversas funções, interligadas com a natureza, num sistema perfeito.

A permacultura tenta sempre valorizar essas conexões, como elas acontecem na natureza. “Na permacultura, nada é visto como um problema, mas como possibilidade”.

Um terreno considerado ruim pela agricultura tradicional encontra diversas utilizações. Dessa maneira, um terreno nunca é considerado ruim, apenas a sua utilização precisa ser modificada e adaptada à realidade do local. A agricultura convencional tenta transformar o local, enquanto a permacultura segue o caminho contrário: busca o melhor modo para usar o lugar, ou seja, adapta-se.

O barranco, que pode ser considerado improdutivo, possui frutas como o maracujá



Permacultura

A renovação da relação homem e natureza

Capítulo 4 Sítio Raízes

Silvia Revorêdo Pugsley



Pedro Marcos e Elusa (na foto com Elena): envolvimento com diversos projetos educacionais e culturais, além da permacultura

O desfile de 7 de setembro é importante em São José do Cerrito, interior da serra catarinense. A população se dedica às atividades rurais em sua grande maioria. Com cerca de 10 mil habitantes, a cidade inteira se reúne para ver os conhecidos devidamente arrumados, marchando na comemoração da Independência do Brasil.

As turmas dos colégios, cada uma com uma cor de camiseta. O grupo de teatro da cidade. Os alunos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Integrantes do Programa de Erradicação às Drogas (Proerd). O grupo da terceira idade. O desfile dura mais ou menos duas horas embaixo de sol forte. O relógio da Prefeitura marca 32C, mas os moradores não desanimam. Sentam na grama da praça e acompanham do começo ao fim, sempre aplaudindo após a passagem de cada grupo, enquanto comentam que aquela é a filha do compadre ou da comadre e “como ela cresceu”.

Eventos como esse não acontecem com muita frequência, mas são aguardados pelos cerritenses e pelos antigos moradores que voltam para rever os amigos. O desfile é narrado por Elusa Ortiz, uma das organizadoras do evento, juntamente com seu marido, Pedro Marcos Ortiz, ambos de 36 anos. Ela, coordenadora de Ensino do município e, ele, secretário de Administração, se envolvem em diversos projetos ambientais e sociais em Cerrito.

O envolvimento no município

O trabalho desenvolvido por eles não está nem perto de se limitar apenas à organização de desfiles. O Proerd, por exemplo, promove o combate a drogas, álcool e cigarro no município. O programa é realizado com alunos de 4º e 6º séries e com os pais. Ao final, é feita uma cerimônia de formatura. “Os alunos se envolvem de fato com o projeto, não é algo que fazem forçados”.

O casal coordena projetos de incentivo à cultura, como o grupo de teatro Arte é Vida e a Invernada Raízes da Serra, que leva apresentações artísticas da cultura gaúcha às regiões mais afastadas.



Elena (ao centro) desfila para a internada no 7 de setembro

A filha do casal, Elena Ortiz, participa de ambos. Elusa faz um trabalho voluntário com a Apae do município, que sobrevive disso, além de uma verba que o governo de Santa Catarina fornece. É possível perceber que tudo é muito organizado e há grande participação dos moradores nos projetos organizados pelos Ortiz.

A família é tradicional em São José do Cerrito. O sobrenome está por toda parte. A rua Anacleto Ortiz (avô de Pedro Marcos), é a principal, onde acontecem os desfiles e está todo o comércio. A

cidade foi fundada por membros da família. O Prefeito é Ruy Ortiz, pai de Pedro Marcos, que foi vice-prefeito durante muitos anos. A cidade é calma e pacata, diferente do ritmo que o casal acaba levando: eles trabalham o dia inteiro e nos fins de semana cuidam dos projetos e eventos. No entanto, a vida acelerada não deve durar muito tempo.

Vida rural

Tanto Pedro quanto Elusa nasceram ali e passaram a vida toda nos sítios das famílias. Eles se conheceram na quinta série do ensino fundamental, quando estudaram no mesmo colégio pela



*O casal com o vizinho Iran Fagaca (à esquerda):
a vida inteira no meio rural*

primeira vez. No ensino médio, tomaram rumos diferentes e só se reencontraram na faculdade, em Lages, a mais ou menos 30 quilômetros de Cerrito. Ela se formou em Pedagogia, e Pedro cursou Ciências Naturais, que dá habilitação para Matemática, Química e Biologia. Logo após, fez especialização em desenvolvimento rural sustentável. Na faculdade começaram a namorar, o que durou seis anos.

Hoje, com 11 anos de casados, criam Elena da mesma forma como foram criados: em contato constante com a natureza. A menina é muito obediente.

Não reclama de nada e muitas vezes fala como uma adulta. Passa muito tempo no sítio dos avós, inventando brincadeiras e subindo em árvores. A família ainda mora no centro de Cerrito, para facilitar o trabalho na Prefeitura, mas pretende mudar-se para o Sítio Raízes até o final do ano. Com o tempo, vão acabar se afastando das atividades, em busca da vida simples, entrando de cabeça na rotina do sítio e da permacultura.

Descobrimo a permacultura

Pedro Marcos soube da permacultura logo que foi introduzida em Santa Catarina. Na época, ele era vice-prefeito, e Jorge Timmermann promoveu um curso numa escola agrária de Cerrito. Pedro participou desse PDC em 1998, e, dois anos depois, ele e Jorge tiveram a idéia de fundar o Ipab. Do ponto de vista dele, o Instituto não vingou pelo fato de que era necessário seguir o padrão dos outros existentes. A idéia que circulava era de formar centros de referência espalhados pelo



A infância de Elena é no sítio, como foi a de seus pais

Brasil. As divergências começaram quando muitas regras passaram a ser impostas. Para iniciar o Instituto, uma verba foi oferecida. “Nós chegamos à conclusão de que, a partir do momento em que aceitássemos aquela renda, teríamos que nos submeter a todas aquelas regras”. Pensando como na permacultura, imposições vão contra os conceitos pregados. Não existe uma regra que funcione em todas as situações, pois tudo depende de diversos fatores. A forma encontrada foi fundar a Permear, como um meio que unisse permacultores com os mesmos objetivos, possibilitando a troca de informações e experiências.

Elusa apenas acompanhava. Ela demorou mais tempo para fazer o PDC, devido ao trabalho e aos cuidados com Elena, na época ainda bebê. Às vezes, participava, dando opiniões, e já aprendia alguma coisa, mas o curso completo ela realizou em 2004. “Nada se compara ao PDC. Para mim, que trabalho com a terra a vida inteira, tem o valor de uma pós-graduação”. Depois, foi só colocar em prática.

Os experimentos

O Sítio Raízes fica na região rural de São José do Cerrito, no mesmo terreno em que moram os pais de Pedro Marcos e ao lado do sítio da família de Elusa, que são produtores de leite. Quando começaram a realizar projetos para o Sítio, Pedro Marcos já tinha bastante experiência prática e dava cursos. Um deles foi realizado no Raízes. Já havia uma casa no terreno, então eles resolveram aproveitar a construção e apenas adaptá-la, analisando todo o terreno e modificando-o de acordo com os conceitos que desejavam seguir. O curso que aconteceu no Sítio ajudou a iniciar muitos projetos.

A parede fica espessa devido ao tamanho dos sacos, permitindo isolamento sonoro e de temperatura

Silvia Revorêdo Pugsley



A parede do quarto do casal foi construída pelo método chamado “super adobe”, que utiliza sacos de terra empilhados. Como é um sistema construtivo pesado, da metade para cima foram usados fardos de palha de arroz, que haviam sido colhidos no Sítio no ano anterior. Em cima do material, fizeram um reboco com cimento, areia e cal. O material é térmico, controlando a temperatura do ambiente. O método super adobe e os fardos de palha proporcionam também o isolamento sonoro. A parede não fica lisa como a tradicional, mas é bonita, com algumas elevações. “O processo inverte o que a arquitetura atual faz, que deixa as casas frias no inverno e quentes no verão”. Como a região possui inverno rigoroso, foi implantada no teto uma manta de espuma com alumínio, para evitar o frio.

Outro sistema criado diz respeito ao aquecimento de água na casa. Ela chega ao chuveiro, à pia e ao lavabo através de uma mangueira, que passa pelo interior do fogão à lenha da cozinha. Essa mangueira, feita de cobre, absorve o calor e leva a água ao lugar desejado. O fogão à lenha também foi planejado de costas para a parede do quarto de Elena, aquecendo o dormitório.

A água da chuva é armazenada por um sistema de captação. A água das calhas, no telhado, cai num cano, que leva a uma cisterna. Esse cano possui uma abertura superior (o chamado “ladrão”) ao armazenamento, que serve para excluir o excedente. Sem ela, a água transbordaria nas calhas, o que poderia estragá-las. Para a construção, Pedro Marcos calculou a quantidade de chuva da região e dimensionou o reservatório, deixando uma margem para qualquer diferença. Outro cano sai da cisterna para uma região mais baixa do terreno, realizando o descarte da sujeira. “É um sistema automático de limpeza: como a sujeira que vem do telhado é mais densa que a água, ela vai para a região mais baixa”. Assim, é possível descartar as impurezas da água que será consumida.

O cano recolhe a água da calha, leva para a cisterna no canto esquerdo da casa e a sujeira vai direto para o descarte



A cisterna foi uma das construções feitas no curso. Ela possui uma estrutura de ferro, coberta por cimento. Antes do curso, Pedro já havia construído o banheiro seco ao lado da casa, que foi testado durante o curso. Ele possui uma estrutura como a de outro qualquer, mas, ao final da utilização, joga-se serragem, e os dejetos caem numa câmara de compostagem. Após um tempo, o composto vai para o minhocário para que não haja dúvidas de que está próprio para utilização como adubo. Esse banheiro é externo à casa e também possui aquecimento solar com garrafas Pet para o chuveiro e a pia.

A casa possui o círculo de bananeira para o aproveitamento da água que sai da pia e do chuveiro. A água preta, que sai da privada, vai para uma bacia de evapotranspiração, que é uma caixa de cimento bem vedada situada no subsolo. Ela é cheia de entulhos, como pedaços de tijolo quebrados, e coberta por terra. O tamanho da caixa deve ser dimensionado de acordo com o número de pessoas quem moram na casa, contando um espaço extra para não haver erro. Em cima, Pedro Marcos plantou banana, limão e outras flores que absorvem a água, que é filtrada nas camadas de terra. Qualquer um desses projetos requer muita observação e planejamento, como tudo na permacultura.

Planejando o sítio

“O dente de leão possui néctar, é uma planta melífera. Além disso, mostra que o solo é equilibrado e, portanto, fértil”. Assim Pedro Marcos começa a visita pelo quintal do Sítio, mostrando o solo cheio dessa planta amarela ao redor da casa. A zona um possui três espirais de ervas e temperos, uma na sombra e duas ao sol. A da sombra foi planejada na porta da área de serviço. “A idéia é a

Além das abelhas, o dente de leão atrai outros insetos, como as borboletas

Silvia Revorêdo Pugsley



praticidade. Você está cozinhando, precisa de um tempero e só sai na porta para pegar”. Essa espiral possui temperos e chás, mais usados na culinária e que se desenvolvem melhor na sombra. As espirais que ficam ao sol possuem plantas como babosa, alcachofra e alecrim.

Nessa zona também estão duas mandalas, uma no sol e outra na sombra, pelo mesmo motivo. A mandala é uma estrutura de design permacultural para canteiros e hortas. As entradas e os círculos interiores ajudam a andar por todo o espaço na hora de plantar ou colher os alimentos, o que facilita essas atividades. Pedro Marcos afirma que a terra se apresenta como é embaixo do solo. “Qualquer agricultor que vê isso fica feliz. O que você plantar aqui, pega”.

Nessa área também fica o minhocário. Acima dele, havia coelhos, que fugiram. O esterco deles caía direto no composto com as minhocas, virando adubo. Ao lado do minhocário, existe um sistema simples para coleta de água, sem filtros, pois ela é usado para o consumo animal. Como o casal não mora definitivamente na casa, não é possível realizar tarefas que precisem de muito cuidado, como as hortas. Esse é o motivo da pressa em se mudar para o sítio, podendo assim cuidar e se apropriar do espaço. A idéia do casal é plantar em todo o terreno, pois a policultura garante a resistência do alimento plantado.

Na zona dois, existem mais ou menos 50 tipos de árvores, especialmente frutíferas. Há um pequeno açude com água pura, saindo direto da terra. É fácil notar que existem muitas teias de aranha pelo chão. “Se fosse usado fertilizante nesse solo, elas não existiriam e, com isso, não cumpririam sua função no controle de insetos. O ecossistema é totalmente integrado na natureza”.

Ao lado dessa agrofloresta, estão as parreiras. As uvas são o forte na produção do sítio. A poda é realizada em setembro, durante a primavera e a produção começa em fevereiro. O suco produzido por eles não precisa sequer de açúcar ou água. Em 2007, foram produzidos 1.500 litros de suco de uva. Para consumo próprio, são utilizados apenas, em média, 200 litros ao ano. Como sobra bastante, o que fazer com o suco se tornou um dilema para a família. Para aumentar a produção, deve ser feita uma patente, o que gera a produção em série. “Nós não queremos entrar nesse meio industrial. A partir daí você tem que produzir uma determinada quantia para cobrir os gastos e não prioriza mais a qualidade”. Por enquanto, a solução encontrada foi colocá-lo em vidros e negociar



A produção de suco de uva é abundante no Sítio Raízes

de diversas formas. Um pouco é vendido em feiras orgânicas. Outros produtores próximos ou amigos que visitam o casal também sempre levam um pouco. Ainda assim, sobra um estoque.

As uvas geram algum tipo de renda para o sítio, no entanto, o lucro continua não sendo o objetivo da produção. Pedro Marcos também plantou muita erva-mate, pois queria deixá-la crescer naturalmente, sem a poda convencional. O mate é usado somente para fazer chá em casa. O sítio possui apiários para a produção de mel. No açude, são criados peixes para o consumo próprio, além de proporcionar a vista para o café da manhã na nova casa. Na criação

de animais, existem porcos, gado e galinhas. Com isso, é possível produzir leite, ovos e vários tipos de carne. O trabalho deu tão certo que acabou atraindo interessados do meio rural.

Influenciando a vizinhança

O Sítio Raízes está situado numa região tradicionalmente rural. No entanto, o casal conseguiu influenciar os vizinhos de alguma maneira. “O melhor da permacultura é poder fechar o ciclo



*Elusa, Elena, Iran e Pedro
Marcos caminham em
direção ao centro da
mandala*

dentro da propriedade”. A frase é do fazendeiro Iran Fagaça de Souza, 32 anos. Ele ainda está num período de transição da agricultura, algo que está acontecendo de maneira bem lenta. Iran nasceu em Cerrito e, desde pequeno, ajudava nas plantações da família depois de ir à escola. “Sou a ovelha negra da família e fugi do meio de produção”. O interesse em realizar o PDC foi para fugir do uso de agrotóxicos. Em sua fazenda ainda se pratica muito da agricultura tradicional, mas ele aboliu por completo o uso de químicos.

Para Iran, o bom da permacultura é que o terreno não precisa ser grande para produzir em larga escala. Num terreno de bom tamanho como o dele, é possível obter grande quantidade e diversidade.

O fazendeiro tem duas mandalas grandes e ainda pretende fazer sete. Nelas, Iran já plantou morango e alface. Foi fácil fazer a comparação entre os meios de produção. A alface plantada logo acima precisou de adubo e irrigação. Mesmo assim, não se desenvolveu tão bem quanto a da mandala, que não precisou de absolutamente nada, pois a terra se manteve úmida com a proteção da palha. Iran está satisfeito com as mudanças e analisa seu próximo passo na permacultura.

Não somente com o design, a permacultura indica a busca por uma vida menos complicada em todos os sentidos. No caso de Pedro Marcos, assim como para Elusa, a vida no campo já é naturalmente mais simples do que no meio urbano. “Apesar de não ser possível voltar atrás e viver como nossos antepassados, também não dá para continuar no ritmo acelerado de hoje”. O que se acredita na permacultura é em equilibrar tudo isso, unindo o que é bom agora com o que é bom dos conhecimentos ancestrais.

O que é permacultura para eles?

Assim como a maioria dos permacultores, o casal segue o pensamento de que a natureza é sábia, o melhor é seguir seu curso. Comer a fruta da época, por exemplo, oferece ao ser humano aquilo que seu corpo precisa para aquele determinado período. Seguir esses princípios é uma das coisas que, para ele, torna um consumidor consciente. Por essa definição, o consumidor consciente sabe o que deve comer, mas não é um produtor. Para a permacultura, é interes-

sante que ele também passe a produzir, para que possa realizar trocas com os outros produtores, que precisarão cada vez menos de produtos externos a esse meio. É importante envolver muitas pessoas. “Não adianta que aqui seja uma ilha, quase perfeita, se ao redor não há conscientização”.

É a transmissão de informações que gera essa conscientização. O casal pretende levar pessoas ao sítio, para conhecer e aprender. “A gente fez uma descoberta importante: que a gente tem que aprender muito. Ao mesmo tempo, já aprendemos muito e queremos levar adiante o conhecimento que temos”.

“A permacultura é uma ferramenta que pode ser usada para várias coisas. O grande diferencial é o design: a observação, pensar e desenhar, antes de colocar em prática”. Essa é a definição de Pedro Marcos. O objetivo do design é simplificar tarefas, realizando-as da maneira mais fácil e durável possível, o que pode ser garantido no modelo proposto pela natureza, que fornece os meios para tal.





Permacultura

A renovação da relação homem e natureza

Capítulo 5

David Holmgren: a mudança exterior começa internamente

Silvia Revorêdo Pugsley



*Holmgren passeou pelo jardim
e conheceu plantas não
existentes na Austrália*

Permacultura

A renovação da relação homem e natureza

Mais uma tarde de sol no Cacupé. Ao entrar na casa de Jorge e Suzana, David Holmgren, um dos criadores da permacultura, está sentado confortavelmente no sofá. Ele é uma figura tranqüila e despreocupada. Não parece ter pressa, pois age e fala devagar, com aquele sotaque “enrolado” do inglês australiano, o que dificulta a compreensão. Está sempre com um meio sorriso no rosto.

De camisa listrada, bermuda e chinelo, o australiano usa óculos e cabelos levemente compridos. Su Holmgren, sua esposa, o acompanhou na viagem, mas estava dormindo, recuperando-se do cansaço relacionado ao fuso horário. Muito prestativo, responde tudo com atenção, parecendo forçar a memória para não esquecer nenhum detalhe.

Num desses momentos, relembrou o surgimento da permacultura. Na faculdade, Holmgren conheceu Bill Mollison, que foi uma espécie de mentor para ele. Os dois tinham idéias muito parecidas e decidiram reunir os manuscritos que possuíam num livro. A idéia inicial estava bem voltada para a agricultura e como as técnicas utilizadas eram agressivas para a natureza.

Com o passar do tempo, passaram a idealizar uma cultura geral, que indicasse um estilo de vida simples, reintegrando o homem ao meio natural. Os dois começaram a divulgar a permacultura e divergências apareceram, fazendo com que tomassem rumos diferentes. Mollison continuou dando palestras e escrevendo livros para divulgar a permacultura, enquanto Holmgren se dedicou muito mais aos cursos, nos quais ainda aprende muito, e à prática em sua comunidade, como pode ser conferido a seguir.

*Jorge, Holmgren e Suzana
conversam durante almoço
no Cacupé*

Silvia Revorêdo Pugsley



Como é a sua vida na Austrália?

Holmgren - Nós moramos numa cidade pequena chamada Hepburn, em Victoria, com seis mil pessoas. Nossa comunidade, chamada de “Melliodora”, é como uma vila. Há ainda duas comunidades com as quais estamos envolvidos. Algumas são permacultoras e outras não, mas, em todas, os habitantes escolheram um jeito similar de viver. Talvez nós sejamos vistos como mais extremistas e radicais para os australianos, que possuem um jeito de viver muito dependente do consumo. Outras pessoas consideram radicais apenas algumas das atividades que realizamos. Acredito que a gente balanceia em tudo, inclusive no trabalho. Se eu pensar na minha rotina, meu trabalho consiste em design, ensino da permacultura, palestras e cursos, realização de pesquisas e contatos e o trabalho prático com a terra. Todas essas partes importantes são bem divididas e tomam o mesmo tempo.

Você tem alguma restrição quanto à comida?

Holmgren - As restrições da natureza são as maiores. Escolhemos não comer aquilo que não cresce em nossa região. Não como um tabu, mas pelo fato de considerar essas coisas artigos de luxo. Todas as pessoas na Austrália comem bananas. Eu não tenho bananas, maçãs e laranjas em casa. Elas são comidas de luxo por virem dos trópicos e não crescerem em nenhum lugar numa distância de mil quilômetros de onde vivemos. As pessoas vêem essas coisas como comuns. Não digo que sejam boas ou ruins, mas as vejo como especiais.

Quando meu filho era mais novo, banana era seu “doce especial” (risadas). Quando ele tinha quatro anos fomos para Queensland (estado no nordeste da Austrália) fazer uma visita e prometemos que compraríamos “um balde” de bananas para ele. Isso, que é algo tão comum para a maioria das pessoas, foi muito especial para ele. Fazemos coisas que celebram o local em que se vive. Assim, quando você vai para outro lugar, pode diferenciar. Su (esposa de Holmgren) foi vegetariana por 15 anos, antes de me conhecer. No início, morávamos na cidade. Eu nunca fui vegetariano, mas na cidade comíamos comida

vegetariana na maior parte do tempo. Quando nos mudamos para o campo, expliquei para ela que a carne era muito mais fácil de produzir naquele lugar. Por muito tempo, consumimos apenas carne de nossos próprios animais, nunca comprada no sistema habitual. Isso faz com que nosso consumo seja ocasional. Temos muitos amigos vegetarianos, mas cada vez mais conhecemos pessoas envolvidas em permacultura seguindo nosso padrão: comem um pouco de carne, mas só quando há uma conexão com o animal. Acredito também que isso varie de acordo com a localização da pessoa. É mais natural ser vegetariano em determinados lugares e consumir mais carne em outros. É assim que acontece na natureza, e é como os indígenas tendiam a ser.

Como a permacultura vê isso?

Holmgren - A permacultura sempre vê as coisas dentro de um contexto, de um ponto de vista relativo. Depende da situação. Muitas idéias e coisas filosóficas podem ser consideradas absolutas. Já na natureza tudo depende. O exemplo que costumo dar é que quando estava em Israel, em 1994, vimos muitos porcos selvagens começando a se desenvolver em florestas, e os judeus não comem porcos. Perguntei para eles se ninguém os caçava. Eles disseram que às vezes moradores de vilas cristãs o faziam. Disse que precisariam de mais cristãos no futuro, pois vai haver cada vez mais porcos (risos). Acredito que a pessoa não precisa ser como as outras para estar numa relação ecológica. Digo algo parecido para meus amigos “vegans”. Se você imaginar uma sociedade na qual todos são vegetarianos, ou, particularmente, “vegans”, a existência seria miserável. No entanto, se esse for o caso de apenas 10% da população, já não representa um problema.

Percebi essa relação falando com pessoas que cuidavam de uma casa de hóspedes, enquanto eu dava cursos de design permacultural. Estávamos planejando como faríamos com a alimentação durante aquele período. Sugeri que não usássemos muitos ovos e, quando utilizássemos, que fossem apenas de galinha. No entanto, para eles, como “vegans”, se algo é ruim, é sempre ruim, e eles não consumiriam ovos. No caso da permacultura, depende do contexto, da quantidade e das conexões, entre outros fatores que podem variar. Nessa discussão, percebi que a permacultura sempre olha para as coisas dessa maneira. Isso significa que talvez um grupo de regras que funciona num lugar





pode não funcionar em outros. Por isso, cheguei à conclusão de que não existem regras propriamente ditas.

E quanto você acha que é possível ser auto-suficiente?

Holmgren - Conhecemos pouquíssimas pessoas na Austrália que produzem tanto o que consomem como nós fazemos. Isso dificilmente acontece pelo limite do que pode ser produzido num lugar, mas geralmente pelo que se escolhe comer, mais ou menos como falamos anteriormente. Se você escolhe comer uma grande variedade de coisas, vindas de diferentes lugares, essas coisas serão bem mais difíceis de serem providenciadas. Se você está preparado para comer o que cresce localmente, então é possível, de um ponto de vista técnico, que sejamos auto-suficientes em termos de comida. Ainda não fazemos isso pelo fato de que certas coisas são mais difíceis e muito caras para serem produzidas em nosso sistema.

Então, é mais fácil comprar?

Holmgren – Então, não faz sentido, devido à mão de obra. É mais fácil comprar de produtores orgânicos locais que estão perto de nós. Eles possuem a terra e o equipamento para a produção. Em todas as viagens que fiz, conheci apenas dois lugares nos quais as pessoas produziam mais comida de suas terras do que nós. A impressão que tenho é que nos países mais ricos é muito, muito raro que as pessoas produzam sua própria comida.

No entanto, se você olha para a auto-suficiência além de comida, não posso fazer um computador sozinho. Estamos envolvidos num mundo em que, para a maioria das coisas que usamos, não podemos alcançar a auto-suficiência. Do meu ponto de vista, podemos escolher não usar essas coisas ou podemos escolher usá-las apenas para atividades que são absolutamente essenciais. Esse é o caso dos computadores para mim. Com algo tão complexo, do ponto de vista de produção, minha escolha é lidar com eles cada vez mais para o meu trabalho e não torná-lo essencial. Isso significa utilizá-lo pela sua função, apenas para a busca e

divulgação de informações. Eu diria que o computador é a cobertura do bolo e nunca o próprio bolo, assim como outras coisas que não podemos produzir. Outra abordagem que buscamos é saber o máximo possível de uma coisa, para estar hábil a fazer sozinho. Ou seja, aprender a usar e não ser dependente de profissionais o tempo todo. No nosso caso, meu filho Oliver é um técnico de computadores, e ele faz a assistência. Isso talvez ilustre a cultura de “self-reliance”. Digo todas essas coisas para ilustrar que não é algo preto e branco, não é uma coisa absoluta.

A comida é a paixão de Su. Ela se esforça muito para, em tudo aquilo que não produzimos, achar alguém que produza. Dessa maneira, sabemos de onde vem toda nossa comida e, de qualquer modo, temos uma conexão com aquilo que consumimos. Não compramos nada do supermercado ou dos meios convencionais. Além disso, Su sempre procura comprar dos fazendeiros em grande quantidade para redistribuir na comunidade. Isso mostra que há um todo um sistema para a comida. Também estamos envolvidos em uma comunidade de agricultura sustentável, uma fazenda que vende caixas de vegetais para serem compradas com uma semana de antecedência. Ela organiza esse sistema, mesmo que a gente não vá comer os vegetais. Nós os colocamos nas caixas e redistribuímos. Tudo isso traz muitos aspectos de subsistência.

Você considera possível reverter a situação ambiental? E como a permacultura pode ajudar nisso?

Holmgren - Duas coisas afetam mais drasticamente o futuro da humanidade: o fornecimento de petróleo e o aquecimento global. Acredito que no futuro haverá menos fontes de energia, e temos que tomar rumos diferentes daqueles que seguimos agora. Várias atitudes que tomamos agora terão impacto daqui a séculos. Estou convencido de que, com o passar do tempo, as pessoas terão menos força para causar impactos ambientais. Algumas das alterações que veremos em séculos serão boas e outras ruins para nós, mas a trajetória até essas mudanças ainda é incerta. A permacultura tem

várias contribuições para essa trajetória, e isso se deve principalmente à menor intervenção na natureza. Ela indica que as pessoas vivam com aquilo que vem da terra, simplificando a vida. A permacultura também pode mostrar para as pessoas um jeito de reduzir a pobreza vivendo em vilas, sítios ou fazendas. O maior problema é fazer com que as pessoas aceitem mudar o modo como vivem, passando a ter uma vida simples. Precisamos fazer isso, pois o planeta está morrendo. Outro papel da permacultura é possibilitar que pessoas que não possuem nada na cultura tradicional possam se inserir na sociedade de alguma forma. Com isso, alguns elementos da permacultura definitivamente podem ajudar nesse processo.

Chamando-o de permacultura ou não, esse tipo de pensamento deve se tornar normal no futuro. Com a permacultura, a meu ver, o processo pode ser menos doloroso e mais produtivo, mas é inevitável que haja um pouco de dor no caminho. É difícil dizer se há alguma coisa na cultura humana que vai ajudar mesmo a resolver o problema que enfrentamos hoje. Esse não é um problema que pode simplesmente ser arrumado. É um problema que não está no escopo do projeto humanidade, mas sim num sistema bem mais amplo. Devemos começar mudando a nós mesmos, pois não se pode mudar o clima de uma hora para outra. A humanidade está queimando recursos naturais que foram reunidos em centenas de milhares de anos. Acontecem muitas discussões sobre como podemos consertar esses problemas ambientais, mas isso é uma análise puramente técnica para que seja possível manter o nível de produção atual. Com isso, a única coisa que podemos mesmo mudar é a nós mesmos. O lado bom é que as pessoas têm essa capacidade de mudar internamente. Podemos nos tornar totalmente diferentes e de modo impressionantemente rápido.

Olhando para a permacultura como tecnologia, podemos usar essa palavra num sentido mais amplo: um conjunto de métodos e técnicas que podem ser muito poderosos ao homem, principalmente quando pensamos em pessoas de baixa renda. Elas podem não ter as habilidades usadas nos métodos tradicionais, mas, combinando corretamente todas as coisas, terão um instrumento nas mãos. Porém, nada é suficientemente poderoso para atingir pessoas ricas. Para elas, todas as soluções da permacultura podem parecer pequenas e frágeis perto das soluções que as sociedades industriais fornecem. Por exemplo, pegue algo como a idéia da cerca viva: você pega galhos e os

entrelaça, fazendo uma barreira contra animais. Em algumas comunidades africanas os animais comem toda a produção, então as pessoas não conseguem plantar nada. Uma pequena ação gera uma transformação. As pessoas podem proteger essas plantações sem nenhum custo. Só que elas não fazem isso, pois é mais fácil ir a uma loja e comprar arame farpado.

Muito do papel da permacultura é instalar essa mudança de comportamento. Não podemos mudar o sistema externo, mas podemos mudar as pessoas. Desse jeito, estamos sempre trabalhando nos dois lados da equação. Mudando o comportamento, você muda o sistema externo. Procuro falar muito em palestras sobre essa mudança de comportamento e que as pessoas devem ver essa experiência como positiva, como um progresso diante daquilo que se faz agora. Não sabemos se a mudança em larga escala poderá ser feita de maneira rápida o suficiente. Podemos ver que num contexto social é um processo lento. No entanto, vai chegar uma hora em que tudo isso vai se tornar natural, assim como respirar.

